

Carnaval, pesquisa e a criação de um espaço de reflexão e discussão sobre esse tema no CERU

Olga Rodrigues de Moraes Von Simson

Como citar: VON SIMSON, O. R. M. Carnaval, pesquisa e a criação de um espaço de reflexão e discussão sobre esse tema no CERU. *In:* KOSMINSKY, E. V. (org.). **Agruras e prazeres de uma de uma pesquisadora:** ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: Unesp Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 253-266. DOI: <https://doi.org/10.36311/1999.978-85-86738-08-5.p253-266>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CARNAVAL, PESQUISA E A CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO DE REFLEXÃO E DISCUSSÃO SOBRE ESSE TEMA NO CERU

Olga Rodrigues de Moraes von Simson¹

Apesar do nome desta sessão trazer uma idéia de festa, fruição e gozo associada ao tema carnaval, minha intervenção fugirá a esse clima, pois, para mim, carnaval tem sido nos últimos dezoito anos sempre um sinônimo de trabalho, embora um trabalho permeado por grandes satisfações e retornos muito satisfatórios.

Ao relacionar o tema carnaval à figura de Maria Isaura Pereira de Queiroz, a homenageada desta jornada, me senti tentada a realizar uma reflexão que aborda três questões, a meu ver intimamente embricadas:

1. Tentarei deslindar para vocês os bastidores do processo de gestação e elaboração do trabalho da socióloga Maria Isaura sobre o carnaval brasileiro porque, se no prólogo do livro a autora descreve as razões familiares do seu envolvimento com o tema e os motivos intelectuais que validam sua opção em favor dele, ela não nos revela a montagem de uma infra-estrutura para a pesquisa e sua atuação de mestra e animadora intelectual necessárias à criação de um espaço de pesquisa e reflexão sobre o tema. Tendo acompanhado durante vários anos o processo de coleta de dados e construção de suas reflexões sobre o tema, através de um relacionamento quase diuturno entre orientadora e orientanda, sob o fértil *guarda-chuva* do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), *locus* onde se davam muitas de suas discussões com estudiosos e pesquisadores dos mais diferentes níveis e das mais diversas origens, sobre esse tema apaixonante;

¹ Professora de Sociologia e diretora do Centro de Estudos da Memória da Universidade de Campinas.

2. Procurarei explicitar também como Maria Isaura conduziu a formação de um grupo informal de reflexão e pesquisa sobre o carnaval, sediado no CERU, mas atraindo pesquisadores de todo o país interessados no tema, o que criava melhores condições para discussão e desenvolvimento do seu e dos nossos trabalhos;
3. Refletirei um pouco, também, sobre sua capacidade de criar condições para uma convivência especial que permitiu que orientadora e orientanda, trabalhando sobre um tema aparentemente comum, pudessem desenvolver trabalhos paralelos sem correr riscos de que uma se apropriasse do conhecimento produzido pela outra e ambas fossem capazes de conduzir suas pesquisas com autonomia, mantendo porém uma certa complementaridade fecunda e inspiradora.

Serei obrigada, para realizar essa tarefa, embora isso possa parecer um tanto egocêntrico (por isso de antemão me desculpo), a retratar alguns aspectos do meu processo de formação como pesquisadora e trabalhadora da área intelectual, orientado por Maria Isaura e realizado no CERU, um espaço onde a arte de fazer pesquisa e o envolvimento com o tema carnaval estiveram sempre presentes.

Iniciando, então, esse caminhar pela memória, registro que meus primeiros contatos com a professora Maria Isaura se deram ainda nos anos da graduação em Ciências Sociais, anos conturbados por greves, perseguições políticas a professores e alunos levando a prisões e constantes interrupções do curso, o que transformou os dois primeiros anos de universidade da minha turma numa experiência muito fragmentada e um tanto frustrante. O desejo de pesquisar, entretanto, se mantinha bem vivo em alguns de nós e aqueles que escolheram a cadeira de Sociologia II, como a fundamental no terceiro e quarto anos, tiveram a chance de trabalhar concretamente em pesquisa, sob a orientação de Maria Isaura e acompanhar *pari passu* a gestação e fundação do CERU, lá na velha e querida Maria Antonia.

No terceiro ano vivi a experiência de manusear os velhos jornais paulistanos do acervo da Biblioteca Mário de Andrade, aprendendo a extrair das notícias da imprensa do início do século, o material para as primeiras e tímidas reflexões sociológicas. No ano seguinte, a experiência de pesquisa já foi mais

emocionante e envolvente, pois pudemos realizar trabalho de campo em São Lourenço da Serra – município de Itapeceira –, na área de Sociologia Rural, dentro do projeto mais amplo, então em pleno desenvolvimento pela equipe do CERU e que alimentaria uma das facetas do famoso trabalho *Bairros Rurais Paulistas*, muito citado nessa jornada.

Por motivos pessoais não pude levar avante o curso de pós-graduação iniciado em 1966, tendo de abandoná-lo após alguns meses. Só fui retomar minhas lides acadêmicas em 1974, quando então procurei Maria Isaura para reiniciar as pesquisas sociológicas, pois sabia que a orientação de trabalho da mestra era das mais exigentes, mas sua disponibilidade, segurança e capacidade de motivação em muito compensavam os rigores de suas cobranças como orientadora.

Eu não havia sido a única a perceber isso, pois nessa época de rápido e intenso desenvolvimento da pós-graduação entre nós, a Mestra estava comprometida com cerca de 30 alunos, o que impossibilitava minha inserção imediata no programa. Apesar de não poder aceitar-me como pós-graduanda, Maria Isaura, a pedido de Eva Blay, ofereceu-me a chance de trabalhar como bolsista do CERU, durante dois anos, realizando a organização e fichamento das pesquisas realizadas pelo centro nos primeiros dez anos de sua existência. Esse trabalho me permitiu reciclar os conhecimentos sociológicos na área da pesquisa e me preparar para reiniciar os trabalhos na pós-graduação. Concomitantemente, iniciei uma atividade de assessoramento da equipe do CERU na organização de reuniões científicas, tendo montado o 1º Encontro de Estudos Rurais e Urbanos em 1974 e passado a auxiliar a organização do programa do centro nas reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), então em plena efervescência.

Por essa época, como já foi lembrado em sessões anteriores, Maria Isaura estava realizando a passagem da Sociologia Rural, área em que vinha trabalhando desde os anos 50, para o estudo de temas de Sociologia da Cultura e iniciando suas primeiras incursões no âmbito do carnaval.

Em 1976, conquistei finalmente minha vaga na pós-graduação, sob orientação de Maria Isaura Pereira de Queiroz que me convidou a integrar

um programa mais amplo de pesquisa² que se iniciava no CERU, com o objetivo de conhecer as classes populares da cidade de São Paulo através da análise das atividades realizadas por essa população no tempo do não-trabalho. Assim, três aspectos da vida cultural das classes populares passaram a ser estudados, fornecendo um primeiro embrião para as pesquisas na área de Sociologia da Cultura desenvolvidas pelo CERU. Eram eles:

- futebol de várzea estudado pelos pesquisadores Claudio Martins Netto (Futebol: um tema para a reflexão sociológica. *Cadernos CERU (São Paulo)*, n.9, 1ª série, 1976) e Betty Schifnagel (Caracterização geral do futebol de várzea como atividade popular de lazer. *Cadernos CERU (São Paulo)*, n.12, 1ª série, 1979).
- a umbanda, enfocada através de uma pesquisa realizada pela bolsista-doutoranda Angel Dulle, da Universidade de Bielefeld – Alemanha/CERU, que não chegou, entretanto, a ser publicada.
- carnaval, a área que mais se desenvolveu reunindo a princípio, além de Maria Isaura, mais três pesquisadores:
 - 1 Maria Tereza Roxo Nobre que, como bolsista do CERU, desenvolveu pesquisa sobre o carnaval baiano (Meandros da participação: formas de compartilhar o espaço – Ensaio sobre o carnaval baiano. *Ciência e Cultura (São Paulo)*, v.30, n.5, 1978);
 - 2 Prof. Renato Ortiz que, a convite e incentivado pela mestra, publicou dois trabalhos sobre o tema (Reflexões sobre Carnaval. *Ciência e Cultura (São Paulo)*, v.28, n.12, 1976. Carnaval: reflexões II. *Cadernos CERU (São Paulo)*, n.11, 1ª série, 1978);
 - 3 e o meu projeto que se propunha, a princípio, estudar o carnaval paulistano das décadas de 1920 e 1930, período visto, pelo senso comum, como o mais florescente dos festejos de Momo na cidade de São Paulo, por reunir uma multiplicidade de folguedos diversos, esparsos pelo traçado urbano.

Formou-se, então, junto ao CERU e orientado por ela um grupo de pesquisadores interessados nesses três temas afins e dentro dele o grupinho dos carnavalescos que, apesar de diminuto no início, foi crescendo rapidamente e

² Vide *Cadernos CERU (São Paulo)*, n.11, 1ª série, set. 1978.

se colocando como o mais atuante, pois passou a absorver em ocasiões de discussão e debates outros pesquisadores, entre eles Ana Maria Rodrigues, Maria Laura Viveiros de Castro e Alba Zaluar. Eram pesquisadores que, desenvolvendo trabalhos em outras universidades, ou na própria USP, mas com orientação de outros professores, encontravam no CERU sob a influência de Maria Isaura, um espaço de discussão sobre um tema ainda muito pouco estudado entre nós e visto, ainda naquela época, com certas restrições por setores mais conservadores do meio acadêmico.

Para viabilizar e acelerar as pesquisas sobre o carnaval, Maria Isaura enviou, já em 1976, pedido à FAPESP para obter auxílio/pesquisa e, assim, pudemos contar no CERU com três auxiliares que prontamente iniciaram um amplo levantamento bibliográfico sobre o tema, em bibliotecas e institutos de pesquisa da cidade.

Para minha decepção, o material que ia sendo encontrado sobre o carnaval de São Paulo era praticamente nulo, o que me obrigou a reformular o meu projeto inicial tentando retrair o carnaval da cidade desde suas origens no século XIX, para melhor compreender o carnaval paulistano do século XX.

Ante essa pobreza de fontes referentes ao carnaval paulistano sugeri ao CERU, no que fui prontamente apoiada pela Mestra, a realização da 1ª Jornada de Especialistas do Carnaval Brasileiro, realizada em 1977, em parceria com o Museu da Imagem e do Som (MIS) e com financiamento da FAPESP. Esse encontro realizado durante três dias do mês de setembro, reuniu professores e pesquisadores universitários, jornalistas e folcloristas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Santos, além de alunos de graduação e pós-graduação. Nessa ocasião, Maria Isaura apresentou seu primeiro texto sobre o tema: *Da definição de Carnaval*, e eu expus meus primeiros resultados de pesquisa tratando do Carnaval em Guaratinguetá durante o século XIX.

Das interessantes informações levantadas durante a 1ª Jornada de Especialistas sobre o Carnaval Brasileiro³ e das discussões realizadas durante esse evento resultou a convicção de que precisávamos aprofundar a pesquisa sobre

³ Os trabalhos apresentados foram publicados no *Cadernos CERU*, n.11, já referido (N. O.).

o carnaval paulistano do século XIX, mas deveríamos iniciar imediatamente a coleta dos relatos orais dos velhos dirigentes carnavalescos paulistanos, muitos já bem idosos e doentes, tendo surgido também a possibilidade do estabelecimento de um convênio entre o CERU e o Museu da Imagem e do Som do Estado de São Paulo, então sob a direção do pesquisador Boris Kossoy, para que esse material oral fosse coletado com auxílio técnico do museu e orientação do CERU.

Mais uma vez a Mestra prontamente nos apoiava indo pessoalmente firmar o convênio com o MIS, não se esquecendo, no entanto, de ampliá-lo para permitir que um outro seu orientando, então estudando o choro paulistano, também pudesse se beneficiar dos recursos técnicos que o MIS oferecia.

E assim, no fim dos anos 70, os trabalhos sobre Carnaval prosseguiam no CERU e se ampliavam incorporando outras instituições. Enquanto orientandos e bolsistas pesquisavam seus temas específicos, a Mestra ampliava nossa bibliografia trazendo farto material internacional em cada uma de suas viagens ao estrangeiro. Realizava ela também, por ocasião do tríduo de Momo, expedições de observação participante viajando, a cada ano para uma cidade brasileira diferente, entre as mais afamadas pelos seus festejos carnavalescos. Assim, os carnavais de Porto Seguro, Salvador, Tatui, Piracicaba, São João del Rei, Rio de Janeiro foram observados e, em alguns, deixando de lado a simples observação, ela se tornou uma foliona atuante. Em Salvador, por exemplo, ela desfilou, trajando a bata especial, no grupo dos Filhos de Filó e Sofia formado por seus colegas da Universidade da Bahia.

Depois de cada uma dessas excursões carnavalescas (misto de trabalho e fruição) ficávamos ansiosamente aguardando as grandes descrições e análises comparativas detalhadas, feitas para toda a equipe do CERU, que, entre invejosa e admirada, ia absorvendo suas visões muito ricas dos carnavais brasileiros, ora enlevada pela beleza e pujança dos desfiles como em São João del Rei, ora muito decepcionada pela decadência do Cordão dos Bichos de Tatui.

Dessa forma, além de um entusiasmo envolvente pelo tema pesquisado, a Mestra fornecia à equipe quadros mais amplos para inserção das nossas análises dos folguedos carnavalescos locais: seja o contexto brasileiro, construído pelas análises da bibliografia que íamos reunindo, somadas aos

resultados das excursões carnavalescas de Maria Isaura, sejam os contextos latino-americano ou ibero-lusitano, elaborados por ela através de análises baseadas na bibliografia especial e intensamente coletada no exterior, o que nos levava a exercícios comparativos, sempre muito enriquecedores. Sua prodigiosa memória, retrazando as experiências familiares e pessoais dos carnavais do passado, estava também sempre presente, servindo como afiado instrumento de controle das nossas análises ou como contribuição valiosa de quem participou e vivenciou intensamente o folgado estudado.

Por essa época, realizou-se também minha iniciação na arte de participar efetivamente de reuniões científicas, apresentando uma comunicação própria. Para tanto, a Mestra escolheu uma reunião de menor envergadura, realizada em uma cidade do interior para poder testar, com segurança, minha capacidade de expositora. E lá fui eu para a reunião da Associação de Estudos Valeparaibanos, realizada em Pindamonhangaba em 1977 e na qual ela era a figura mais importante. Nessa estréia apresentei os primeiros resultados dos meus levantamentos nos jornais das cidades do Vale do Paraíba, trabalho que me permitiu retrazar o caminho que o Carnaval Veneziano, introduzido no Rio de Janeiro em 1856, percorreu pelo Vale do Paraíba acompanhando a riqueza cafeeira, para vinda da Corte, e ir se instalando de cidade em cidade e chegar, depois de 30 anos, definitivamente a São Paulo e conseguir, com seu luxo, beleza e caráter de novidade à extinção da Dança dos Caiapós e à expulsão das velhas brincadeiras lusitanas do Entrudo para a periferia da cidade.

Essa experiência parece ter sido positiva, pois Maria Isaura incentivou-me em seguida a preparar um texto para o Congresso da Associação Internacional de Sociologia (ISA), que se realizaria no ano seguinte. Ousei então tentar me inscrever na reunião enviando uma proposta de texto para dois comitês diferentes. *Family and Carnival during the 19th century in Brazil* foi aprovado por ambos os comitês, mas as regras da FAPESP impediam financiamentos internacionais para mestrados. Assim não pude participar da Reunião da ISA, tendo minha frustração sido compensada pelo convite do organizador do Comitê de Pesquisa sobre o Lazer, para que publicasse o meu texto na revista *Society and Leisure*, editada no Canadá, em novembro de 1978. Traduzi o texto para o inglês

e Maria Isaura generosamente me auxiliou a inserir as conclusões do artigo num contexto social mais amplo, tarefa que a inexperiente mestranda ainda não era capaz de realizar sozinha.

Relato estes fatos para salientar um aspecto que só a tarefa que me propus realizar, esse repensar de trajetórias, me permitiu perceber e que revela a grande generosidade da Mestra: por tais circunstâncias, orientadora e orientanda publicaram, ao mesmo tempo, uma no Canadá e outra na França, seus primeiros artigos sobre o carnaval em revistas internacionais. Ao examinar a bibliografia de seu livro, *Carnaval Brasileiro*, percebi que a publicação de seu artigo *Evolution du Carnaval Latino-Americain* na revista *Diogenes* em Paris, se deu no fim de 1978 também, fato que não recordo ter sido comentado por ela, ao contrário da aceitação do meu texto que foi por ela muito festejada.

Prosseguem os trabalhos de pesquisa sobre o carnaval e enquanto realizávamos o levantamento de dados em três jornais paulistanos do século XIX, íamos intensificando as entrevistas com velhos foliões e dirigentes carnavalescos. Alguns eram sugeridos e até mesmo convencidos, pela própria Mestra, a nos ceder suas lembranças, como Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Duarte e Yan de Almeida Prado que rememoraram os velhos carnavais da Avenida Paulista e do Centro Velho Paulistano. Outros informantes, levantados por nós tiveram seus depoimentos registrados em colaboração com o MIS, cobrindo os carnavais populares do Brás, Água Branca e Lapa e dos redutos negros do samba paulista como Bexiga, Barra Funda e Baixada do Glicério.

Os auxiliares de pesquisa, já melhor familiarizados com o tema foram então treinados e passaram, a partir do início dos anos 80, a realizar coletas de alguns depoimentos sobre o Carnaval do Brás e da Água Branca entre parentes e amigos de suas próprias famílias.

Assim, a quantidade de informações colhidas sobre o carnaval de São Paulo e sobre outros carnavais brasileiros e do estrangeiro, reunidas no CERU, cresceram rapidamente e percebemos a necessidade de iniciarmos a organização de um arquivo sobre o tema Carnaval, que hoje contém:

- bibliografia nacional e internacional sobre o tema;

- recortes de jornais e revistas nacionais editadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, abordando aspectos do carnaval das décadas de 1970 e 1980;
- amplo levantamento bibliográfico sobre o tema realizado nas principais bibliotecas especializadas paulistanas;
- levantamento em revistas paulistanas das décadas de 1920 e 1930 sobre o tema carnaval;
- levantamento de dados sobre o carnaval do século XIX realizado nos jornais *O Comércio de São Paulo*, *O Correio Paulistano*, *A Província de São Paulo* e *O Estado de S. Paulo*;
- coleção de folhetos e material de propaganda editado por prefeituras, órgãos de turismo e associações carnavalescas;
- as fitas cassete contendo os depoimentos de velhos foliões e dirigentes do carnaval paulistano, coletados pela equipe de pesquisa;
- as transcrições desses depoimentos acompanhadas das anotações de diário de campo de cada uma das coletas realizadas.

Todo esse material, que foi largamente utilizado por mim e pela Mestra, se encontra organizado e à disposição de pesquisadores interessados no CERU.

Ao longo da coleta dos depoimentos orais no Museu da Imagem e do Som, logo ao realizar a segunda entrevista, nos defrontamos com um novo desafio que precisou ser enfrentado pela pesquisa. O informante, Seu Zézinho do Morro da Casa Verde, então com 70 anos de idade, trouxe para ilustrar seu depoimento um conjunto de oito fotos dos anos 10 e 20, cobrindo as atividades do Cordão Camisa Verde e Branco da Barra Funda, grupo de que ele participava desde os oito anos de idade. Seu Zezinho ou seus familiares apareciam retratados na maioria dessas fotos que eram utilizadas por ele para provar a veracidade do depoimento que ele estava nos dando.

Percebi imediatamente que esse material visual poderia representar uma grande riqueza para a pesquisa o que posteriormente foi comprovado, porque:

- facilitava sobremaneira a coleta das informações e a construção do relato ao incentivar a empatia entre entrevistador e entrevistado, que se colocavam lado

a lado para examinar as fotos completamente desconhecidas pelo primeiro e facilmente traduzidas em palavras pelo segundo;

- trazia bases concretas para a formulação de novas questões, não incluídas no roteiro original de coleta dos depoimentos;
- permitia uma melhor compreensão dos fenômenos carnavalescos do passado, não vivenciados pelos pesquisadores mais jovens;
- permitia análises posteriores mais acuradas pela comparação do depoimento coletado com as imagens descritas pelo informante;
- possibilitava uma devolução eficiente dos resultados da pesquisa aos seus sujeitos, ao servir de base para a montagem de exposições, audiovisuais e vídeos que traduziam as conclusões para uma linguagem mais acessível ao grupo pesquisado.

Passamos, então, a solicitar a todos os informantes que nos cedessem suas fotos antigas referentes aos velhos carnavais para serem copiadas e analisadas, e ao mesmo tempo solicitamos aos auxiliares de pesquisa um levantamento cuidadoso nas revistas paulistanas dos anos de 10, 20, 30 e 40, recolhendo as imagens existentes sobre os carnavais desse período. Alguns colegas pesquisadores, percebendo nosso interesse pelas imagens carnavalescas do passado, nos cederam também velhas fotos de família retratando os carnavais paulistanos de outrora.

E assim o Arquivo de Carnaval do CERU passou a contar com uma nova seção – a das imagens carnavalescas do passado organizadas por assunto e em ordem cronológica e acondicionadas em álbuns. Esse acervo de imagens cresceu rapidamente e por volta de 1984 já possuíamos cerca de 500 imagens sobre o carnaval de São Paulo, as quais foram em parte analisadas, através de uma metodologia específica desenvolvida com a inestimável orientação e ajuda da Profa. Miriam Moreira Leite, pesquisadora tão generosa e competente quanto Maria Isaura, e através de um auxílio-pesquisa conquistado com um projeto conjunto apresentado a um dos primeiros concursos promovido pela ANPOCS. Esse esforço produziu alguns artigos de discussão e divulgação da experiência e permitiu a incorporação e análise de imagens por outras pesquisas realizadas pelas equipes do CERU.

A preocupação com a utilização dos recursos do som e da imagem nas pesquisas em Ciências Sociais cresciam cada vez mais entre os pesquisadores do CERU, nos levando a organizar em 1984, durante os Encontros Anuais de Estudos Rurais e Urbanos, tradicionalmente realizados no mês de maio, uma ampla discussão sobre esse tema baseada em experiências concretas. Para nossa surpresa, o público presente reunia praticamente igual número de cientistas sociais de um lado e de fotógrafos e videastas de outro, possibilitando um frutífero debate sobre a melhor maneira de cientistas e profissionais da imagem interagirem para um trabalho fecundo em Ciências Sociais, que incorpore adequada e eficientemente os recursos audiovisuais.

Por outro lado, desde 1979 com a criação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Maria Isaura sugerindo e tomando a iniciativa de criar o Grupo de Trabalho (GT) Sociologia da Cultura Brasileira havia ampliado o fórum e o alcance dos debates sobre o carnaval brasileiro, a partir daí inseridos na discussão mais rica e instigante da cultura nacional. Tanto na ANPOCS como na SBPC passamos a organizar sessões especiais para a discussão dos trabalhos que estavam sendo desenvolvidos pelos cientistas nacionais sobre o tema carnaval.

As pesquisas do CERU ligadas ao tema e os contatos internacionais de Maria Isaura fizeram com que, a partir do início da década de 1980, começássemos a receber estudiosos estrangeiros que desejavam conhecer os trabalhos sobre o carnaval do centro. Recordo-me, entre outras, da visita de uma pesquisadora francesa, representante do prefeito de Nice e do Diretor do Museu do Carnaval e da Máscara de Binche na Bélgica, por exemplo, estes estudiosos nos apresentaram seus trabalhos e foram assessorados por nós no estabelecimento de contatos com lideranças carnavalescas e pesquisadores brasileiros trabalhando o assunto.

Assim, pesquisando o carnaval paulistano sob a orientação de Maria Isaura Pereira de Queiroz e integrando a equipe de pesquisadores do CERU durante quinze anos, pude realizar minha formação para o exercício do trabalho intelectual num leque bastante abrangente de áreas e competências diversas, além de ter a chance privilegiada de desenvolver um trabalho intelectual de forma

independente, mas contando com orientação segura e generosa, com infra-estrutura adequada para a pesquisa e com espaços instigantes para os debates teóricos e metodológicos.

Hoje, depois de cinco anos afastada do dia-a-dia do CERU e longe de uma influência mais direta da Mestra, posso avaliar com certa clareza as sábias atitudes de Maria Isaura que permitiram o bom desenvolvimento de nossos trabalhos paralelos e complementares sobre o carnaval:

- os espaços de pesquisa e reflexão referentes ao tema foram, desde o princípio, bem definidos e nunca ultrapassados. Enquanto Maria Isaura focalizava em seus trabalhos preferencialmente o carnaval brasileiro, tendo como centro de seus estudos o carnaval carioca, mas construindo e fornecendo um quadro mais amplo para contextualização das minhas pesquisas, o meu trabalho se restringia ao carnaval paulistano, seja o burguês do século XIX, estudado no mestrado, seja o popular de brancos e negros do século XX, analisado no doutorado;
- Maria Isaura trabalhou preferencialmente com dados secundários recolhidos em jornais, revistas e pela análise das obras de outros pesquisadores mais jovens, inclusive a minha, produzindo um conhecimento síntese mais próximo de um ensaio. O meu trabalho, por outro lado, dado a inexistência de obras anteriores sobre o tema em São Paulo, buscava o dado ainda bruto junto aos informantes que comigo íam construindo essa memória do carnaval popular paulistano;
- as trocas freqüentes que se davam entre as duas pesquisadoras, trabalhando temas tão próximos, apesar da grande disparidade de conhecimento e vivência de pesquisa existente entre nós, sempre se fizeram em clima de respeito mútuo, críticas construtivas e entusiasmo evidente pelas novas descobertas, clima esse instituído desde o início pela orientadora.

Assim, além de aprender a pesquisar e a trilhar pelos caminhos do trabalho intelectual e universitário tendo uma competente, firme e generosa introdutora a me conduzir, pude perceber e assimilar um método de formação de outros pesquisadores interessados no trabalho envolvente e difícil da pesquisa, capacidade que me tem sido de grande valia no exercício de minhas funções atuais.

É essa escola valiosa que nós, crias do CERU e discípulas de Maria Isaura, temos a ousadia de tentar reproduzir nos espaços que percorremos em nossas trajetórias acadêmicas, sendo esta jornada um exemplo claro e palpável da força desta formação.